

A arte popular no espólio bibliográfico do escultor Lagoa Henriques (1923-2009)

The popular art in the bibliographic collection of the sculptor Lagoa Henriques (1923-2009)

JOANA SOUTO MATEUS¹

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

RESUMO

O espólio bibliográfico do escultor Lagoa Henriques (1923-2009), doado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, ainda em inventariação e tratamento, é caracterizado por uma multiplicidade de temas não só em torno da arte, como noutros domínios como a literatura, viagens, gastronomia, entre outros. Neste artigo, destaca-se a presença da arte popular no espólio bibliográfico do artista, que conta com uma forte presença da arte e da poesia popular portuguesa. Pretende-se com este artigo aprofundar este tema na vida do artista e identificar a importância da arte popular na sua obra.

PALAVRAS-CHAVE

Lagoa Henriques, espólio bibliográfico, arte popular, coleções, Portugal

ABSTRACT

The bibliographic collection of the sculptor Lagoa Henriques (1923-2009), donated to the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon, in process of inventorying and treatment, is characterized by the multiplicity of subjects, not only about art but also in the domains of literature, travels, gastronomy, and others. In this article, stands out the presence of the popular art of the bibliographic collection of the artist, that counts with a strong presence of popular art and poetry from Portugal. It's intended to deepen this theme in the artist's life and identify the importance of the popular art in his work.

KEYWORDS

Lagoa Henriques, bibliographic collection, popular art, collections, Portugal

¹ Doutoranda em Belas-Artes, especialização em Ciências da Arte e do Património, Artista plástica e Técnica Superior na Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, Portugal.

Introdução

Lagoa Henriques foi escultor, desenhador, poeta, cenógrafo, professor e comunicador. Professor de Desenho na Escola Superior de Belas-Artes do Porto até 1966 e na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa até 1988, revolucionou o modo de ensino do desenho após a implementação da reforma de 1957: primeiramente no Porto, através da liberdade de exploração técnica e composição, com exercícios de representação gráfica de cascas de árvores, de frutos, veios de madeira, entre outros...; e em Lisboa, com a criação da disciplina de Comunicação Visual onde alia o gesto e a palavra, o relato e o registo, a escrita e o desenho, a palavra e a imagem. As suas aulas eram dadas também no exterior, fora do contexto da sala de aula, levando os alunos ao encontro com a realidade e o quotidiano. Como colecionador, detinha diversas coleções, entre elas de arte popular, que povoavam o seu atelier, bem como uma extensa biblioteca. Como comunicador, elaborou programas televisivos culturais, onde aborda para além da arte erudita, a arte popular por diversas regiões de Portugal. Como escultor efetuou vários monumentos a poetas e escritores portugueses, exemplo de Fernando Pessoa (1888-1935) em Lisboa e de António Aleixo (1899-1949) em Loulé. Em testamento deixou por herança todo o seu espólio à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, incluindo as suas coleções e biblioteca. Pretende-se neste artigo, explorar o conceito de arte popular no espólio de Lagoa Henriques, através da sua coleção de arte popular e da sua biblioteca, investigando esta temática na vida e obra do artista. Em primeiro lugar, apresenta-se uma breve nota biográfica do artista e professor. Em seguida, a questão do artista como colecionador, abordando a exposição “A ilustração na ULisboa” decorrida no âmbito do 2.º Encontro “A Universidade de Lisboa e o Património”, de 28 de novembro a 20 de dezembro de 2019, na galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, que apresentou parte da coleção de Lagoa Henriques e uma visão do seu atelier. Em terceiro lugar, contextualiza-se muito sumariamente a questão da arte popular portuguesa em Portugal e a coleção de arte popular de Lagoa Henriques. Por último, apresentam-se alguns livros pertencentes à biblioteca do artista acerca desta temática.

Lagoa Henriques: o artista e professor

António Augusto Lagoa Henriques, nasceu em Lisboa a 27 de Dezembro de 1923. Foi escultor, desenhador, poeta, cenógrafo, pedagogo e comunicador (Carvalho, 2013), criador de inúmeras esculturas em espaços públicos (maioritariamente representando poetas) onde se destacam “O monumento a Camões” em Constância (1981), do escritor “Fernando Pessoa” junto ao café “A Brasileira” em Lisboa (1988) e a de “Alves Redol” em Vila Franca de Xira (2004). Em Brasília, na embaixada de Portugal, está a escultura “Leda e Cisne” (1977) (Pereira, F.A.B., 2005, 336).

Como professor, apresentou programas que revolucionaram o ensino das artes nas escolas do Porto e de Lisboa. No Porto, já com a reforma de 1957, foi professor de Desenho desde 1959 até 1966, onde ainda aliado a uma forte componente de concepções clássicas ainda pertencentes à ideologia do Estado Novo, conseguiu criar um programa de novas perspectivas mais livres do ensino do desenho, cujos conteúdos passavam por uma exploração da experimentação (técnicas, texturas, formas, espaço, claro-escuro, ...) com o auxílio de exercícios que incluíam ensaios de representação gráfica de cascas de árvores, veios de madeiras serradas, tecidos, pedras, cascas de frutos, entre outros (Amado, 1988) e do estudo da composição. A disciplina intitulada “Desenho de estátua” era lecionada por ele no curso de Arquitetura no 1º ciclo - 1º ano e nos cursos de Pintura e Escultura no 1º ciclo - 1º ano. Também responsável pela disciplina de “Desenho de modelo vivo” no curso de Pintura 2º ciclo - 2ºano, juntamente com o pintor Duarte Roboredo e Castro (1934-1980). O mesmo sistema estava aplicado para o curso de Escultura.

Na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde foi professor até 1988, após pedido de transferência do Porto em 1966, continua a sua renovação pedagógica do ensino do Desenho, onde toma como modelo o quotidiano, saindo com os alunos para fora da escola, abandonando assim o conceito de espaço de sala de aula. Em 1974 cria a disciplina de “Comunicação Visual”², numa “pedagogia e didáctica apontadas à modernidade” (Amado, 1988, p. 9).

² Disciplina que aborda os termos e as linguagens da comunicação, questões específicas de comunicação visual, o gesto e a palavra; o relato e o registo, a escrita e o desenho; a palavra e a imagem (Gamito, 2016, p.350)

Após a sua aposentação como professor, dedica-se à escultura, à participação em colóquios, diversas iniciativas culturais e realização de programas televisivos intitulados “Desenho – risco inadiável”, “Pare, escute e olhe” e “Portugal passado presente”.

Lagoa Henriques, falece em 2009 deixando em testamento todo o seu legado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, atual detentora do seu espólio artístico, coleções, bem como a biblioteca do artista e o seu arquivo documental (escritos, recursos multimídia, entre outros).

Lagoa Henriques: o colecionador

Na exposição “A ilustração na ULisboa” no âmbito do 2.º Encontro “A Universidade de Lisboa e o Património”, ocorrida de 28 de novembro a 20 de dezembro de 2019 na galeria da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, expôs-se uma seção intitulada “Lagoa Henriques (1923 – 2009): da coleção à ilustração”, com curadoria de Maria Teresa Sabido, Virgínia Glória Nascimento e Alice Nogueira Alves e colaboração de Fernando António Baptista Pereira e Maria João Gamito.

UMA EVOCAÇÃO DO ATELIER DE LAGOA HENRIQUES

O estudo do processo criativo de um artista do século XX tem forçosamente de partir do reconhecimento das suas fontes artísticas e do seu universo de referências na Natureza e nas Culturas do Mundo por onde viajou. Ao apresentarmos uma seleção de fotos do atelier, realizadas algumas delas em vida do artista ou pouco depois do seu falecimento, antes da desmontagem e transferência do espólio, pretendemos dar conta dessas múltiplas «lembranças» materializadas nos objetos colecionados.

Assim, às conchas (náutilus e búzios) e aos barros etnográficos, juntam-se as máscaras (africanas e japonesas), as lucernas, os leques (chineses e japoneses), instrumentos musicais eruditos e populares, um tinteiro ou a estatuária antiga em madeira (europeia e asiática). Nesta destacam-se dois Cristos, um da Ressureição, seiscentista, e um fragmento de um Crucificado que Lagoa Henriques considerava ser da mão de Miguel Ângelo, com base numa análise estilística e na referência documental a um Cristo desse autor existente numa capela de um antigo Convento lisboeta. (Universidade De Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, 2019)

Este curto texto apresentado na exposição demonstra claramente o modo como Lagoa Henriques trabalhava, rodeado de múltiplas expressões e culturas através de objetos, de livros...entre outros. Os artistas acabam por ser coletores na sua natureza

de investigação artística e curiosidade criativa, o que leva a que cada um possua um atelier distinto e povoado de diversas matérias, objetos e até mesmo livros que compõem a sua biblioteca pessoal e ampliam as referências necessárias à sua prática artística. Aliado a este texto, encontravam-se objetos expostos do atelier do artista, bem como fotografias selecionadas do seu espólio que ilustram o seu atelier (Figura 1).

No próprio encontro, no decorrer do ciclo de conferências, houve a intervenção de Luís Jorge Gonçalves, um dos professores que seguiu desde o início este processo de doação por herança do artista à faculdade, expondo a sua complexidade e os procedimentos legais e logísticos envolvidos, apenas existindo um breve resumo no livro de atas do colóquio do 2.º Encontro “A Universidade de Lisboa e o Património”.

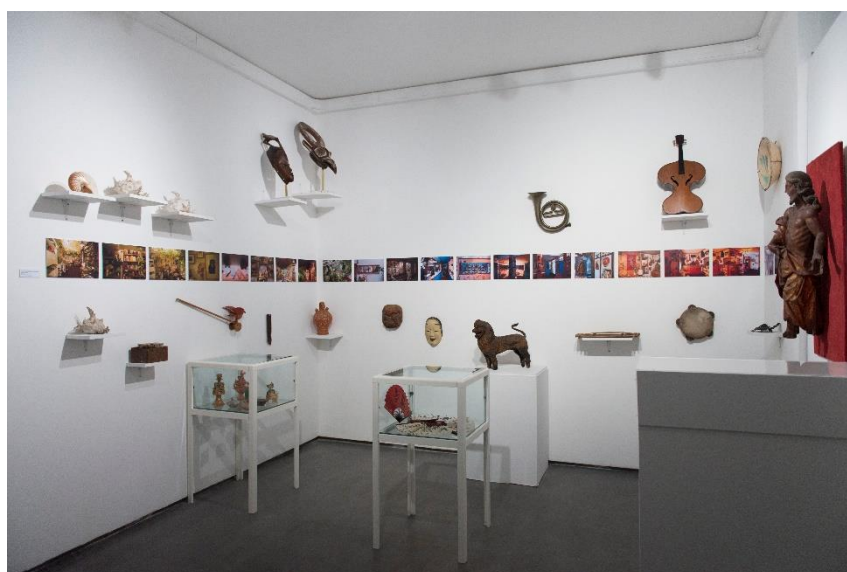


Figura 1. Exposição “A ilustração na ULisboa”, pormenor da seção de “Uma evocação do Atelier de Lagoa Henriques”. Fonte: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.



Figura 2. Atelier de Lagoa Henriques. Uma das fotografias expostas na exposição. Fonte: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A arte Popular portuguesa e a coleção de Lagoa Henriques

Contextualizando um pouco o percurso histórico da arte popular em Portugal, o Estado Novo³ foi um grande impulsionador (dentro da ideologia do regime) a valorizar a imagem e a prática da arte popular como uma tradição nacionalista e patriótica. O Museu de Arte Popular surgiu de uma destas ações políticas, da “Exposição do Mundo Português” decorrida em 1940 e cujo pavilhão da “Secção da Vida Popular” se inaugurou como Museu em 1948 (Ferro, 1948)⁴.

O seu acervo surge na sequência de várias exposições que contribuíram para a organização de coleções, completadas mais tarde por aquisições e doações. É constituído por objectos de cerâmica; ourivesaria popular; instrumentos musicais; cestaria; têxteis; trajos e bordados; miniaturas de barcos e carros de tração animal; e alfaías agrícolas.

Em 2000, a exposição permanente do museu foi encerrada, para profundas obras de requalificação do edifício e, em 2006, após anúncio de extinção do MAP, o seu espólio foi transferido para o Museu Nacional de Etnologia. A ligação entre estas duas instituições é um projecto que já tinha sido equacionado por diversas vezes nas últimas quatro décadas, mas que só em 2016 se concretizou plenamente, com a atividade do MAP vinculada à missão

³ Regime ditatorial em Portugal de 1933-1974 protagonizado por António de Oliveira de Salazar (1889-1970).

⁴ Importantes também as revistas “Panorama: revista portuguesa de arte e turismo” do Secretariado de Propaganda Nacional de 1941 a 1949 e “O mundo português: revista de cultura e propaganda, arte e literatura coloniais” de 1934 a 1947, sob direção de Augusto Cunha (1894-1947), que demonstram a propaganda nacional e patriótica do Estado Novo.

e programa do Museu Nacional de Etnologia. (Portugal, Museu de Arte Popular).

Numa gestão política e museológica este museu de Arte Popular foi de certo modo pouco valorizado, estando atualmente a sua coleção e programação a ser gerida pelo Museu Nacional de Etnologia, tendo sido o Museu de arte popular um dos pilares dos princípios da investigação etnológica. Duas das coleções relevantes do Museu Nacional de Etnologia, no que diz respeito à tradição de olaria de barro preto, doadas ao museu, fruto da investigação e recolha de Werner Tobias (professor e investigador alemão) doada em 2002 e a coleção dos professores Manuel Durão e Maria Helena Lemos, doada em 2006, constituída por várias peças de centros oleiros do país (Brito, 2008, p.7).

Nos últimos anos, o museu tem sido gratificado com o importante contributo de algumas doações, que vieram colmatar em absoluto lacunas do seu acervo ou completar conjuntos já existentes. Assim aconteceu com as máscaras e marionetas do Mali, oferecidas por Francisco Capelo, que integraram uma das exposições de grande relevo realizadas pelo museu. O mesmo se passou com duas coleções sistemáticas de olaria, que resultaram de investigações que abarcaram todo o país ao longo de vários anos; uma incidindo sobre o barro preto, da responsabilidade de Werner Tobias, outra referenciada a todos os centros de produção oleira, conduzida por Manuel Durão e Maria Helena Lemos, acompanhada de uma extensa documentação fílmica. Destacamos estas doações entre outras de menor dimensão que igualmente têm enriquecido o acervo do museu. (Portugal, Museu Nacional de Etnologia).

Não só a arte popular começa a ser introduzida em coleções de museus – advindas de coleções privadas – como também, há uma preocupação por parte de diversos historiadores no seu estudo, em distinção das Belas-Artes e dita arte erudita. Fernando de Castro Pires de Lima (1908-1973) na monografia que dirigiu “A arte popular em Portugal” dos anos 60/70 traz esta problemática questionando se “essas coisas toscas, desproporcionais, sem perspectiva, são arte?”, diferenciando estas artes plásticas das obras de arte pura. Com esta publicação, pretendeu-se representar a arte do povo português, abordando a arquitetura popular, o mobiliário, ourivesaria, arte do papel, cestaria e esteiraria, culinária e doçaria e a medicina e superstição. Uma outra edição volumosa é direcionada às ilhas adjacentes e ultramar, dirigida pelo mesmo autor.

Já na década de 50, Ernesto de Sousa (1921-1988) e António Quadros (1923-1993) vêm trazer a importância dos artistas populares e a sua autoria. António Quadros pela sua ligação à artista popular Rosa Ramalho (1888-1977), insistindo que esta assinasse cada peça da sua autoria. Ernesto de Sousa vai procurar a singularidade da estética popular (Restivo, 2020).

Ernesto de Sousa realizou neste campo uma pesquisa frutuosa, embora sem ter tido possibilidade de maior sistematização, alertando para o reequacionamento que a prática e a teoria artísticas necessitavam no Portugal da segunda metade do século transacto. Com a progressiva imaginação da arte e do conhecimento, a cultura popular é cada vez mais reapropriada pela própria cultura erudita, e vice-versa, observando-se uma cada vez maior intersecção de práticas artísticas urbanas e não-urbanas (Pereira, J. C., 2005, p.274).

Esta ligação da coleção destes objetos numa concepção de interesse estético, leva a que haja diversas exposições de arte popular. Exemplo disso, a exposição “Barristas e imaginários: quatro artistas populares do Norte”, realizada por Ernesto de Sousa em 1964, advém do seu estudo sobre escultura portuguesa e da sua expressão popular.

Uma exposição organizada pelo Instituto de Emprego e formação profissional em Bruxelas, no âmbito da Europália 91, “*Art populaire Portugal*”⁵ demonstra este imaginário na arte popular em Portugal e da apresentação de diversos artistas populares.

Lagoa Henriques também manifesta não só na sua coleção, como também nos seus programas televisivos, a importância e singularidade da arte popular. Em “Portugal passado presente” de 1985, concilia a arte erudita e a arte popular, viajando pelo país, testemunhando cada região e falando do seu património, dos ofícios artesanais, os hábitos e os costumes, os labores rurais.

O nosso programa procurou fundamentalmente sensibilizar-vos para a qualidade de vida, os valores artísticos, a beleza do quotidiano, responsabilizarmo-nos pela passividade e inconsciência em face a um património que se degrada (Henriques, 1985).

No programa televisivo, por exemplo, do “Alto Alentejo, mais uma palavra”, da segunda série de “Portugal Passado Presente” Lagoa enfoca os tradicionais bonecos

⁵ Arte popular Portugal (tradução nossa).

de Estremoz, a olaria alentejana, a arquitetura popular, os tapetes de Arraiolos, a cerâmica do Redondo, entre outros. Lagoa Henriques contextualiza equilibradamente a arte popular e a arte erudita, nas suas singularidades e na sua contextualização histórica. “É interessante como as aves, os pássaros, aparecem como motivo, como inspiração para uma série de obras de artesanato e até de arte erudita” diz Lagoa Henriques nesse programa⁶ (Gamito, 2016).

No seu atelier encontravam-se várias peças de arte popular, desde vasilhas a peças escultóricas desenvolvidas por artesãos de arte popular portuguesa, cabaças, entre outras (Figura 3 e Figura 4).

Do espólio doado à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa estão as suas coleções “de arte sacra, de arte popular, obras doadas por artistas do seu convívio” (Gonçalves, 2019, p.30), de vidro, conchas, instrumentos musicais – coleções que povoavam o seu próprio atelier.



Figura 3. Vasilhas, cântaros e algumas peças de arte popular em estante do atelier de Lagoa Henriques. Fonte: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

⁶ Programas transcritos na obra monográfica de Maria João Gamito editado pela Documenta em 2016, acerca de Lagoa Henriques. Alguns disponíveis em linha na RTP Arquivo.



Figura 4. Peças de escultura popular no atelier do artista. Fonte: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.

A biblioteca do artista e a arte popular

Do legado do artista, adveio também uma vasta biblioteca, com mais de três mil publicações⁷. Da sua biblioteca podemos também encontrar referências à cultura popular. A maior referência está sempre ligada à poesia, nomeadamente à poesia popular. Um exemplo desta ligação da poesia com a sua obra, no livro “Inéditos” de António Aleixo (1899-1949), com dedicatória datada de 1984 pelo filho do poeta (aquando o início dos trabalhos do monumento ao poeta Aleixo da autoria de Lagoa Henriques - inaugurado em 1989 em Loulé⁸), encontraram-se duas fotocópias com o poema “A arte” de António Aleixo (Figura 5) e no verso apontamentos do Lagoa sobre lagares e a feitura do azeite em Loulé (Figura 6).

⁷ Ainda por inventariar grande parte do espólio bibliográfico, não sendo ainda possível adiantar o número de livros, catálogos e revistas dos quais o artista era detentor.

⁸ Foi inaugurada uma réplica desta escultura em 1996 frente ao café “Calcinha” na Avenida da Costa Mealha, Loulé.

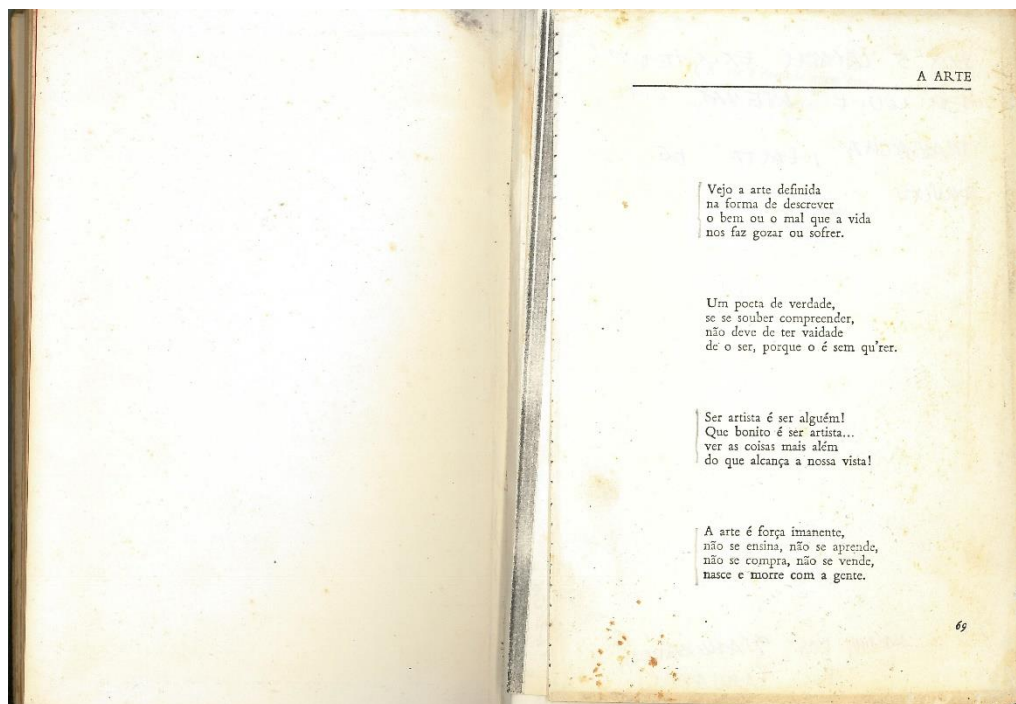


Figura 5. “A arte” da autoria do poeta popular António Aleixo, fotocópias encontradas no livro “Inéditos” de António Aleixo pertencente ao espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota: ELH 2673 (A). Fonte do autor.

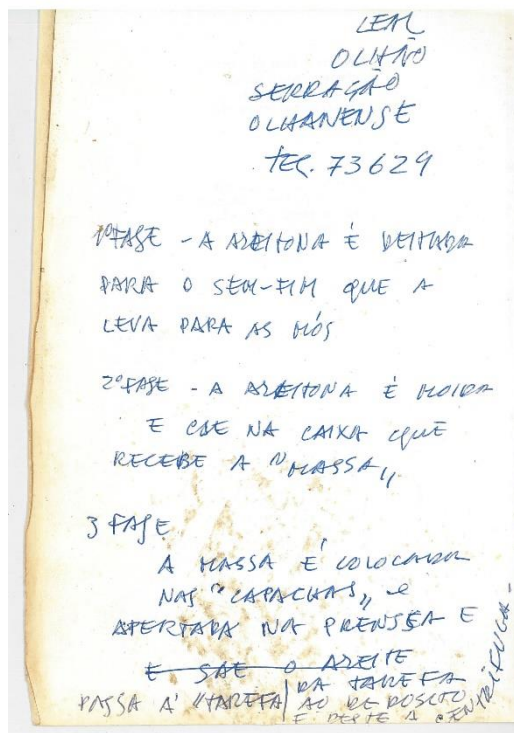


Figura 6. Apontamento de Lagoa no livro “Inéditos” de António Aleixo pertencente ao espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota: ELH 2673 (A). Fonte do autor.

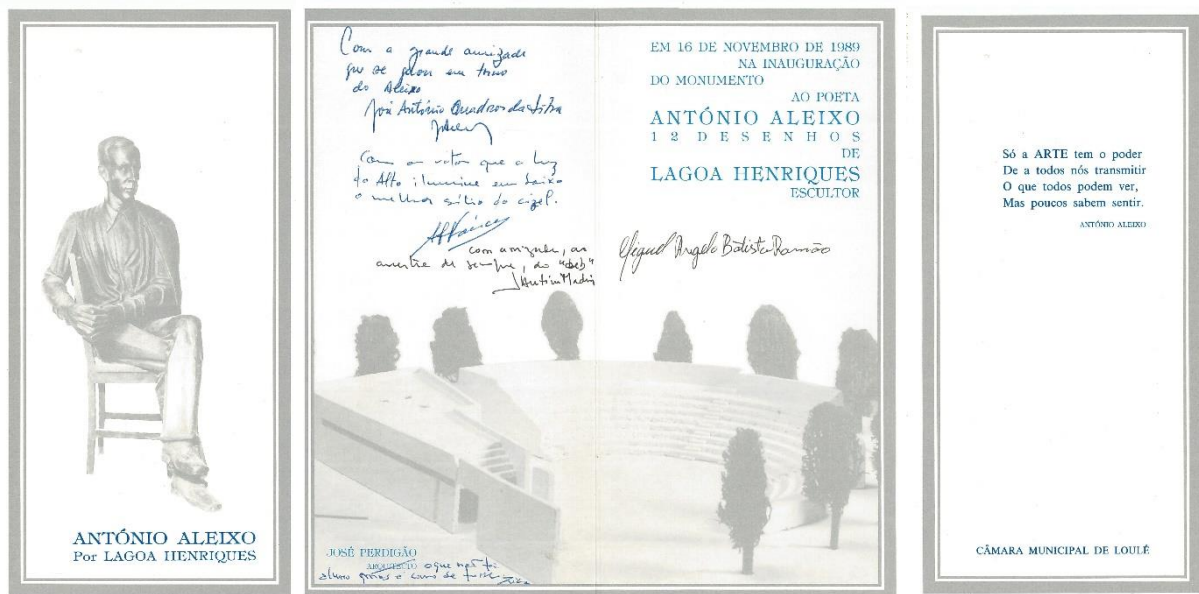


Figura 7. Folheto acerca da escultura “António Aleixo” por Lagoa Henriques, encontrado no livro “Romanceiro e cancioneiro do Algarve” da autoria de Ataíde Oliveira (1842-1915), pertencente ao espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota: ELH 2763. Fonte do autor.

Para além de livros de António Aleixo, encontramos também alguns livros de poesia popular como “Um poema chamado Grândola: poesia popular”⁹ da autoria de Carlos Curto editado em 1982, um compêndio de poesia de poetas populares portugueses seleccionados; a edição “Há tanta ideia perdida... extracto do 1.º Encontro de Poetas Populares Alentejanos, Vila Viçosa: Agosto 1981” do Centro Cultural Popular Bento de Jesus Caraça, com um apontamento a lápis de Lagoa no final do livro (Figura 8); e “Quadras populares”¹⁰ de José Afonso (1842-1915), publicado pela editora Ulmeiro, 5.ª edição de 1994 (Figura 9).

⁹ Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota ELH 2068.

¹⁰ Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota ELH 2083.

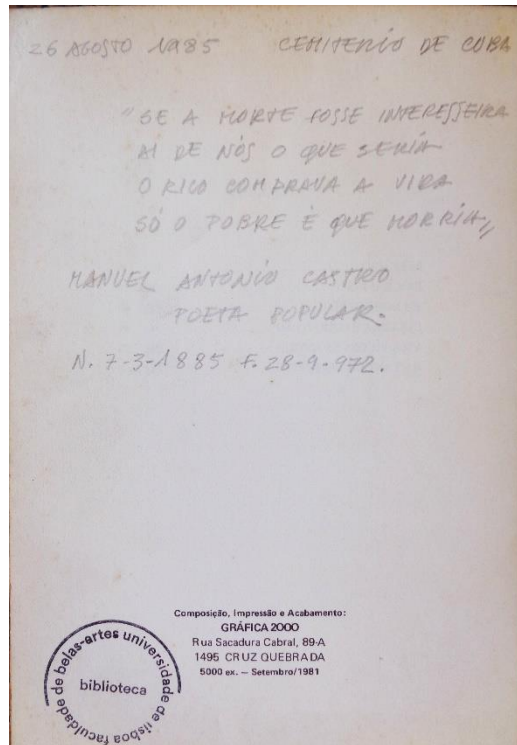


Figura 8. Apontamento a lápis no livro "Há tanta ideia perdida... extrato do 1.º Encontro de Poetas Populares Alentejanos, Vila Viçosa: Agosto 1981", espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota ELH 2074. Fonte do autor.

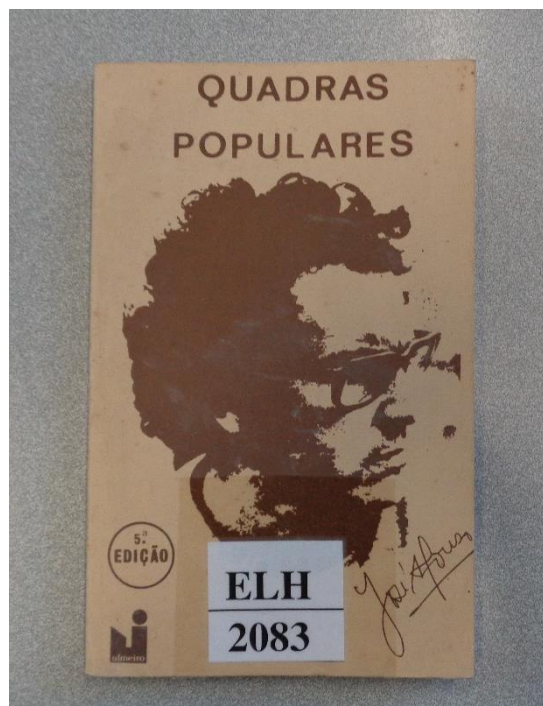


Figura 9. "Quadradas Populares" de José Afonso, 5.ª edição da Ulmeiro, Dezembro de 1994. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques. Fonte do autor.

Estes livros da biblioteca de Lagoa Henriques são uma seleção do seu interesse pela poesia popular. Outros livros do espólio a destacar são o livro “Barcos Portugal: *l’art populaire maritime au Portugal: tradition et decoration des bateaux de travail*”¹¹ da autoria de Henry Kerisit, que documenta a decoração artística e tradicional dos barcos portugueses (Figura 10); o livro “Arte popular polaca” editado pela Fundação Calouste Gulbenkian a novembro de 1977; e da autoria de Chloë Sayer “*Arts and Crafts of Mexico*”¹² (Figura 11).

Esta seleção mostra numa ínfima parcela, a presença da temática da arte popular no legado artístico do professor Lagoa Henriques e o modo como a sua coleção de arte popular se complementa com a sua biblioteca pessoal, atualmente pertença da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, por herança, e como Lagoa Henriques, na sua vasta cultura, conseguiu criar uma linha equilibrada entre a arte dita erudita, a arte popular e o quotidiano, tanto no seu percurso como professor, como comunicador e como artista.



Figura 10. “Barcos Portugal” de Henry Kerisit, edição de 1988. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota ELH 1918. Fonte do autor.

¹¹ “Arte marítima popular em Portugal: tradição e decoração dos barcos de trabalho” (tradução nossa).

¹² “Artes e ofícios do México” (Tradução nossa).

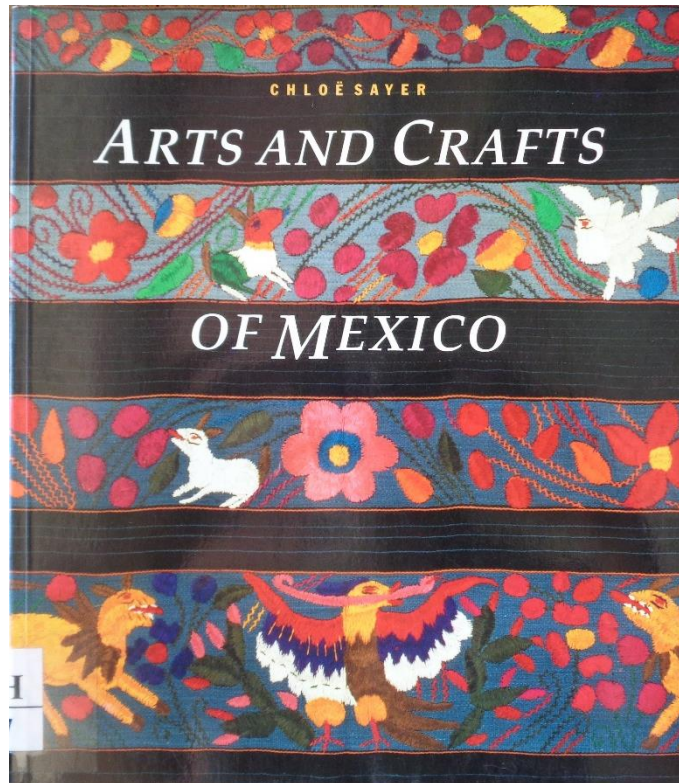


Figura 11. “*Arts and Crafts of Mexico*” de Chloë Sayer, edição da Thames and Hudson, 1990. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, cota ELH 917. Fonte do autor.

Conclusão

Este ensaio pretendeu abordar a presença da arte popular no espólio do escultor Lagoa Henriques (1923-2009), contextualizando o seu percurso de vida como professor, artista e comunicador. Como colecionador detinha uma coleção de arte popular, entre outras coleções (como de vidro, de conchas, etc.) e a sua extensa biblioteca possui alguns exemplares sobre a temática da arte popular. Referenciando resumidamente a forma como a arte popular tem vindo a ser investigada por alguns historiadores em Portugal e colecionadores que doaram importantes coleções ao Museu Nacional de Etnologia, bem como a relação de Lagoa Henriques a esta temática, interligando à sua obra escultórica – sendo um escultor de poetas, como o monumento a “António Aleixo” (poeta popular) -; às peças que detinha no seu atelier de arte popular – como vasilhas, cântaros, peças de escultura popular – e, não esquecendo, os seus livros que constituíam a sua biblioteca pessoal relacionados com o tema da cultura popular: poesia popular, decoração tradicional de barcos

portugueses ou mesmo um catálogo de arte popular polaca e um livro de artes e ofícios do México. Nos seus programas televisivos, em “Portugal passado presente” de 1985, podemos ouvir Lagoa Henriques a abordar o contexto histórico de várias regiões do país, no que diz respeito tanto à arte erudita como à arte popular, tomando sempre a postura da importância do património cultural e da beleza do quotidiano. Destacaram-se os programas acerca do “Baixo Alentejo, ainda uma palavra” e “Alto Alentejo, ainda uma palavra”, onde fala de várias peças da arte popular alentejana.

Referências

ALEIXO, António. **Inéditos**. (Compilador: Ezequiel Ferreira). Loulé : V. Martins Aleixo, 1978. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 2673 (A)).

AMADO, Carlos. **O caderno do desenho: o risco inadiável: Lagoa Henriques**. Lisboa: Escola Superior de Belas Artes, 1988.

AFONSO, José. **Quadras populares**. Lisboa : Ulmeiro, 1994. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 2083).

BRITO, Joaquim Pais de. **Exercício de inventário. A propósito de duas doações de olaria portuguesa**. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia, 2008.

CARVALHO, Rita Nobre de. Praia dos prodígios, o que o rio traz à obra de Lagoa Henriques. *In*: PINHEIRO, Áurea da Paz. **Revista Vox Musei**. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2013. Vol. 2, nº 3 (Jan. / Jun. 2013), p. 56-64. Fonte: disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/10129> Acesso: 25 jun. 2023

CENTRO CULTURAL POPULAR BENTO DE JESUS CARAÇA. **Há tanta ideia perdida... extracto do 1.º Encontro de Poetas Populares Alentejanos – Vila Viçosa Agosto 1981**. Vila Viçosa: Centro Cultural Popular Bento de Jesus Caraça, 1981.

CURTO, Carlos. **Um poema chamado Grândola: poesia popular**. Grândola: Câmara Municipal, 1982. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 2068).

GAMITO, Maria João. **Lagoa Henriques: eu e a minha casa**. Lisboa: Documenta, 2016.

FERRO, António. **Museu de arte popular: discurso do secretário nacional de informação no acto inaugural do museu de arte popular, aos 15 de Julho de 1948**. Lisboa: Secretariado Nacional da Informação, 1948.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN, Serviço de Exposições e Museografia. **Arte popular polaca**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Serviço de Exposições e Museografia, 1977. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 1246).

GONÇALVES, Luís Jorge. A incorporação do legado do Mestre Lagoa Henriques na Faculdade de Belas-Artes: memória de um processo. *In*: ALVES, Alice Nogueira. **2.º Encontro: a Universidade de Lisboa e o património**. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2019, p. 30. Fonte: disponível em https://www.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2019/11/E_2019_2EPUL_resumos.pdf. Acesso: 25 jun. 2023.

HENRIQUES, Lagoa. Portugal Passado Presente. *In*: RTP – Rádio Televisão portuguesa. **RTP Arquivos: programas: Portugal passado presente**, 1985. Fonte: disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/programas/portugal-passado-presente/>. Acesso: 25 jun. 2023.

KERESIT, Henry. **Barcos Portugal: l'art populaire maritime au Portugal : tradition et decoration des bateaux de travail**. Douarnenez : Musses du Bateau, 1989. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 1918).

LIMA, Fernando de Castro Pires de. **A arte popular em Portugal**. Lisboa: Editorial Verbo, [197-?]

LIMA, Fernando de Castro Pires de. **A arte popular em Portugal, ilhas adjacentes e ultramar**. Lisboa: Verbo, imp. 1968 - imp. 1975.

OLIVEIRA, Ataíde. **Romanceiro e cancionero do Algarve**. [Faro] : Algarve em Foco, [198-?]. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 2763).

PEREIRA, Fernando António Baptista. Lagoa Henriques. *In*: PEREIRA, José Fernandes. **Dicionário de escultura portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2005, p. 335-337.

PEREIRA, José Carlos. “Escultura popular”. *In*: PEREIRA, José Fernandes. **Dicionário de escultura portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2005, p. 270-274.

PORTUGAL, Ministério do Emprego e da Segurança Social. **Art populaire Portugal**. [Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional, 1991].

PORTUGAL, Museu de Arte Popular. **História**. Fonte: disponível em: <https://museuartepopular.wordpress.com/historia/>. Acesso: 25 jun. 2023.

PORTUGAL, Museu Nacional de Etnologia. **Sobre o museu**. Fonte: disponível em: <https://mnetnologia.wordpress.com/about/>. Acesso: 25 jun. 2023.

RESTIVO, Maria Manuela. A emergência da autoria na arte popular portuguesa: o contributo de Ernesto de Sousa. *In*: DUARTE, Alice. **Seminários DEP/FLUP vol. 1**.

Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Letras/DCTP, 2020, p. 98-117. Fonte: disponível em: <https://doi.org/10.21747/9789898969682/seminariosv1a5> . Acesso: 25 jun. 2023.

SAYER, Chloë. **Arts and crafts of Mexico**. London: Thames and Hudson, 1990. Espólio bibliográfico de Lagoa Henriques, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (Cota: ELH 917).

SILVA, Raquel Henriques da. Ainda o Museu de Arte Popular: uma proposta. *In*: MEDORI, Paula Brito. **L+Arte: leilões + arte + antiguidades**. Lisboa: Entusiasmo Media - Publicações e Multimédia, 2004-, n.º56 (Janeiro de 2009), p. 24

UNIVERSIDADE DE LISBOA, Faculdade de Belas-Artes. **Exposição a ilustração na Ulisboa**. Fonte: disponível em: <https://www.belasartes.ulisboa.pt/ate-15-out-open-call-2o-encontro-a-universidade-de-lisboa-e-o-patrimonio/> . Acesso: 25 jun. 2023.

Sobre a autora

Joana Souto Mateus é doutoranda em Belas-Artes, especialização em Ciências da Arte e do Património, Artista plástica e Técnica Superior na Biblioteca da Faculdade de Belas-Artes de Lisboa, já tem um percurso longo com muitas exposições colectivas e algumas a solo, obras em diversas colecções privadas e em algumas instituições. Já esteve em ateliers colectivos com artistas, mas neste momento, tem um atelier individual. Nasceu na Guarda em 1985, vive e trabalha em Lisboa desde 2003.

jmateus@campus.ul.pt

Recebido em: 29-06-2023

Como citar

MATEUS, Joana Souto (2024). A arte popular no espólio bibliográfico do escultor Lagoa Henriques (1923-2009). *Revista Estado da Arte, Uberlândia*. v.5, n.1, p.XX-XX, jan./jun. <https://doi.org/10.14393/EdA-v5-n1-2024-69772>



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.